

LABRA

COLLANA LUSOAFROBRASILIANA

7

Direttori

Barbara Gori

Università degli Studi di Padova

Maria Aparecida Fontes

Università degli Studi di Padova

Comitato scientifico

Antonio Carlos Secchin

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Cláudio do Carmo Gonçalves

Universidade do Estado da Bahia

Dionísio Vila Maior

Universidade Aberta — Portugal

Fabiola Padilha

Universidade Federal do Espírito Santo

Marcos Bagno

Universidade de Brasília

Maria da Graça Gomes de Pina

Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”

Roberto Mulinacci

Alma Mater Studiorum — Università di Bologna

LABRA

COLLANA LUSOAFROBRASILIANA



*Digo: o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

Guimarães Rosa

La collana “LABra” inserita nel contesto del programma di internazionalizzazione delle università italiane, brasiliane, portoghesi e africane, si pone come obiettivo la pubblicazione di testi scientifici e letterari in ambito della lusofonia (Brasile, Portogallo, alcuni paesi dell’Africa e dell’Asia). La collezione LusoAfroBrasiliana, oltre allo scopo di diffondere la letteratura di questi paesi, intende promuovere e presentare temi rilevanti che contribuiscono agli studi critici e alla costruzione delle conoscenze scientifiche nei campi della letteratura, della linguistica, della traduzione, della storia, della cultura e della società.

Il sistema di valutazione dei testi adottato è basato sulla revisione paritaria e anonima (*peer-review*).

Ir para o conteúdo multimídia



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projeto “UID/ELT/00077/2013”.

Dionísio Vila Maior

Sob o signo de Calíope

Sentidos modernistas





Aracne editrice

www.aracneeditrice.it
info@aracneeditrice.it

Copyright © MMXVIII
Gioacchino Onorati editore S.r.l. – unipersonale

www.gioacchinoonoratieditore.it
info@gioacchinoonoratieditore.it

via Vittorio Veneto, 20
00020 Canterano (Roma)
(06) 45551463

ISBN 978-88-255-1477-3

*Os direitos de tradução, armazenamento eletrônico,
reprodução e até mesmo adaptação parcial,
por qualquer meio, são reservados para todos os Países.*

*As fotocópias são estritamente proibidas
sem a permissão por escrito da Editora.*

I edição: junho 2018

*Ponho na altiva mente o
fixo esforço / Da altura, e à
sorte deixo, / E a suas leis,
o verso; / Que, quando é
alto e régio o pensamento, /
Súbdita a frase o busca / E
o 'scravo ritmo o serve*

Ricardo Reis, *Edição
crítica de Fernando Pessoa*
- *Poemas de Ricardo Reis*
[Edição de Luiz Fagundes
Duarte], Lisboa, Imprensa
Nacional-Casa da Moeda,
Vol. III, p.67

- 11 *Nota Prefacial*
Dionísio Vila Maior
- 17 *Agradecimentos*
- 19 *Mikhail bakhtine e o nascimento do sentido*
1. Dialogismo e diálogo interior 19 – 2. Dialogismo e a presença do “Outro” 21 – 3. O “eu” e o “Outro” 25 – 4. Identidade nacional 29 – 5. A *Mensagem* e o Sebastianismo pessoano 31 – 6. Uma forma de portugalidade 35 – 7. O “eu”, o “Outro” e a ressurgência do sentido 38
- 43 *O ‘instinto’ modernista*
1. A desterritorialização do discurso monológico e a “dégénérescence sociale” 43 – 2. Fernando Pessoa/Alexandre Search: o macabro e a desumanização do sujeito 48 – 3. O ‘ex-cêntrico’ pela ótica da perversidade 52 – 4. A ‘morte do homem’ e a recuperação da subjetividade 55 – 5. A ‘descontinuidade’ da linguagem 60 – 6. O ‘discurso da subjetividade’ 64 – 7. “Temos o instinto quando nos falte o conhecimento” 68
- 73 *A indagação identitária*
1. Bernardo Soares e a ideia de “viajar” 73 – 2. Viagens exotópicas 76 – 3. António Ferro e “A arte de bem viajar” 77 – 4. Almada Negreiros e a dimensão individual do sujeito 79 – 5. Mário de Sá-Carneiro e a jornada subjetiva 81 – 6. Álvaro de Campos: *homo viator* 87 – 7. “O que sou essencialmente [...] é dramaturgo” (Fernando Pessoa) 92
- 95 *A (des)construção do ineludível*
1. O “eu” individual e o “eu” coletivo 95 – 2. Almada e a “excentricidade” do discurso manifestatário 97 – 3. A guerra almadiana e o “homem completo” 99 – 4. O gesto vanguardista e a agnição do efêmero 101 – 5. O discurso literário e a “representação” da crise civilizacional 105 – 6. A “Grande Devastação” 109 – 7. Da “modernidade” e da tradição oculta dos princípios matriciais 111

- 115 *Modernismo e discurso feminino em Pessoa, Almada, Sá-Carneiro e António Ferro*
 1. O Modernismo e a imagem do feminino 115 – 2. Pelo ângulo da animalização 117 – 3. Pelo ângulo da coisificação 120 – 4. A “representação” pela indumentária 122 – 5. Sob o olhar falocêntrico 124 – 6. O discurso do e sobre o corpo 129 – 7. A “crise do sujeito feminino” 134
- 137 *O manifesto literário e a coerência carnavalizada do modernismo português e brasileiro*
 1. Os inícios do “manifesto” moderno 140 – 2. O paradoxo do “manifesto literário” 142 – 3. O “eu” e os “outros” 144 – 4. O manifesto literário como acto carnavalesco 145 – 5. A(s) verdade(s) do manifesto 149 – 6. As liberdades do manifesto literário 152 – 7. “La vie est belle” 156
- 161 *A audácia da plenitude*
 1. Mário de Sá-Carneiro e a loucura do «homem perfeito» 161 – 2. Álvaro de Campos e o prenúncio do «Super-homem» 162 – 3. Fernando Pessoa e o “discurso plural” 164 – 4. Fernando Pessoa e a heteronímia 166 – 5. Puralidade ideológica 168 – 6. O *uomo universale* 169
- 173 *Dos desconcertos do nada ao triunfalismo da exceção*
 1. A transmissão órfica 173 – 2. «Orpheu» 176 – 3. A perturbação da *promesse de bonheur* 178 – 4. O artista e a consciência artística da crise 181 – 5. A *ousadia* e a conceção *excecional* do artista 184 – 6. Os órficos e a reconfiguração da identidade coletiva e individual 188 – 7. O legado dos órficos: da *plenitude* artística à *tristeza essencial* 191
- 193 *Órficos, Surrealistas e o “puramente Si-próprio” do Homem Português*
 1. A relação necessária entre o indivíduo e a sociedade 193 – 2. A suspensão do *continuum* 196 – 3. O espírito de *blague* 198 – 4. A “descontinuidade” e a liberdade linguística 203 – 5. Os Órficos: a reavaliação da literatura portuguesa e do homem português 205 – 6. A interrogação da “classical writing” 207 – 7. Demanda da identidade nacional 208
- 211 *Identidade linguística e “consciência da unidade espiritual”*
 1. O sentido tradicional e social da língua 211 – 2. O capital identitário de uma comunidade 213 – 3. “Minha pátria é a língua portuguesa” 215 – 4. A identidade e a mi[s]tificação da figura histórica 216 – 5. O caso português 218 – 6. Consciência da “Unidade espiritual” 221 – 7. “Floreça, fale, cante, ouça-se e viva / A portuguesa língua” 222
- 225 *Bibliografia*

Nota Prefacial

Dionísio Vila Maior

Outros motivos não houvesse para justificar o título do presente livro — que não fossem os sentidos permitidos na figuração da primeira das nove musas, filha de Zeus e Mnemosine, e mãe de Orfeu —, outros encontraríamos, quando ao MODERNISMO PORTUGUÊS se encontram subjacentes o fragoroso gesto e a agressiva proclamação triunfalista, a que a “representação” literária (com o sentido ideológico consequente) da vitalidade, da hora presente, do cosmopolitismo, da modernidade não pode ser alheia.

E se a Calíope — musa da eloquência e da “bela [kall] voz [óps]”, complanando a eloquência do seu canto com o texto épico e o buril — emprestarmos a figuração que Charles Meynier lhe conferiu, em 1798 (empunhando uma trombeta), melhor se compreenderá o significado que a *sonora* proclamação modernista consente. Assim, nasce o título deste pequeno contributo, distribuído por dez textos com os quais abordaremos um conjunto de temas que circunscrevem o(s) *discurso(s)* modernista português.

Em *Mikhail Bakhtine e o nascimento do sentido*, iremos refletir sobre alguns pressupostos teóricos decorrentes do pensamento de Mikhail Bakhtine, no âmbito da Teoria do Sujeito, da Teoria da Linguagem e da Teoria Literária. Nesse sentido, pretender-se-á ver em que medida os pressupostos bakhtinianos se podem relacionar com o desígnio *relativo* de uma *alteridade absoluta*, pelo princípio segundo o qual o sujeito humano se (con)figura identitariamente no espaço de um

Outro — seja no domínio estético-literário, seja no espaço intersubjetivo da linguagem e do pensamento, seja no palco da *experiência* cultural. Mas precisamente porque do encontro dialógico com o *outro* nascerá sempre, em princípio, o alargamento de sentido do *eu*, importará questionar até onde se poderá encarar o *diálogo* bakhtiniano com um determinado *modelo subjetivista* — não com o que de funcional e monologicamente redutor qualifica esse modelo, antes com o que, nele, representa, em última instância, o resultado do encontro *eu-outro*: o acrescentamento do próprio sujeito.

No segundo texto — *O 'instinto' modernista* —, incidiremos a atenção essencialmente sobre a crise de valores que marcou os finais do século XIX e os princípios do século XX. Assim, e no contexto do presente livro, lembrar essa crise traduzir-se-á, por um lado, na necessidade de se ter em consideração um quadro geral onde prevalece o valor de *desterritorialização* do discurso monológico, validado pelas noções de *subversão*, *pluridiscursividade* e *decadência*; lembrar essa crise significará, por outro lado, não esquecer a precisão histórico-literária e teórico-metodológica, com o intuito de melhor se apreender o *gesto* vanguardista, cujos contornos, como se sabe, permitem encará-lo com virtualidades próprias do excesso e da oscilação do racionalismo aristotélico. Na sequência desta linha de orientação, parece conveniente reforçar, em seguida, esta reflexão inicial, pelo que transitaremos para um terreno mais específico: a produção teórica, estético-literária e manifestatória de alguns dos modernistas portugueses (entre eles, Almada Negreiros, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e outros *eus* [nomeadamente, Álvaro de Campos, Alexander Search e Jean Seul de Méluret]). Aí, o diálogo entre convenção e subversão — que conforma a lógica do discurso da *extravagância* — será assumida, como veremos: pela presença do absurdo e do estranho; pela crítica à decadência dos valores europeus; pela exploração literária do motivo e da personagem que surpreendem; pela prática estilística de configuração *carnavalesca*; pelo recurso à narrativa, particularmente significativa, no que à exploração do

macabro e da perversão diz respeito; enfim, pelo registo discursivo *excêntrico* àquele para que, então, um horizonte de expectativas tendia.

No terceiro texto — *A indagação identitária* —, apresentaremos uma reflexão sobre a problemática da *viagem* na vivência modernista e no *discurso* literário modernista — incidindo uma atenção particular sobre a produção literária de Fernando Pessoa (e dos seus *outros eus*), Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Nesse sentido, estudaremos essencialmente o tópico da *viagem interior*, tópico esse que — apontando frequentemente para a busca do “Ideal” — é nuclear na poesia e/ou ficção destes representantes do modernismo português, que, pela literatura, procuraram apreender dinamicamente o seu universo interior, na busca identitária do *eu*, num tempo marcado pela “Grande Devastação”.

Com a referência a essa “Grande Devastação” que foi a primeira Grande Guerra (por aqui se pressentindo a fundamentação de importantes matrizes teóricas que enquadram, variavelmente, a prática estética, mas essencialmente ideológica, dos mais interventivos modernistas portugueses), sublinharemos, com o quarto contributo — *A (des)construção do ineludível* —, alguns pontos que consideramos centrais, no que ao estudo do *discurso* estético-literário e ideológico modernista diz respeito: a relação do *eu* individual com o *eu* coletivo; a dimensão carnavalesca do manifesto; a guerra almadiana e a (pre)visão do “homem completo”; o *gesto* vanguardista; o discurso literário e a *representação* da crise civilizacional; a *modernidade* e a “tradição oculta” de princípios humanistas essenciais.

No quinto texto — *Modernismo português e discurso feminino em Pessoa, Almada, Sá-Carneiro e António Ferro* —, regressaremos a uma problemática que nos é cara desde há já alguns anos: as implicações socioculturais e estético-literárias em que assenta a relação entre a *crise modernista* e o *sujeito feminino modernista*, pelo que não só equacionaremos a coisificação desse sujeito em António Ferro e Almada Negreiros, como também relembremos *A Carta da Corcunda*

para o *Serralheiro*, escrito por um *outro eu* de Fernando Pessoa, Maria José.

E como o *manifesto literário* é um dos um dos sustentáculos ideológicos fundamentais do Modernismo português e do Modernismo brasileiro, devendo ser encarado como uma solução discursiva ajustada, de modo variável, a circunstâncias contextuais específicas e a medidas persuasivo-pragmáticas características, refletiremos, no texto seguinte — *O manifesto literário e a coerência carnavalizada do modernismo português e brasileiro* — sobre este texto, no que à vivência estética e à experiência teórico-programática diz, essencialmente, respeito.

E porque a heteronímia de Fernando Pessoa constitui um processo estético-literário marcado pela lógica da des-subjetivação, do fingimento, da pluralidade e do desdobramento (logo, de *crise* da unidade do sujeito), e porque ela fundamenta, de igual modo (ainda que de forma aparentemente paradoxal), uma estratégia de resgate da unidade *essencial*, impor-se-á no sétimo texto — *Os Modernistas e a audácia da plenitude* —, e com o contributo sempre indispensável de Mikhail Bakhtine, refletir de novo, dialogicamente, sobre a literatura modernista portuguesa e sobre o contexto histórico europeu dos inícios do século XX — caracterizado por um triunfalismo excessivo e um enorme desenvolvimento científico-tecnológico, mas, fundamentalmente, por um intenso desassossego, onde prevalecem, cada vez mais, a massificação, a alienação e a desumanização das relações humanas. Trata-se de um contexto, aliás, em concordância com a desordem interior de um *sujeito* que acaba por sofrer com o aumento da insensibilidade e do calculismo — sensação tão bem *representada* por Chaplin, em *Tempos Modernos*, e, diversamente, por Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Sá-Carneiro. O *discurso da subjetividade*, a *crise de identidade*, o *discurso da pluralidade* e o vaticínio pessoano da “*criação científica do Super-Homem*” tornam-se, portanto, a este nível, questões incontornáveis. Contudo, como se verá, estes sentidos — o triunfalismo, a *desumanização* e a *plenitude* do sujeito (configurada no/pelo próprio sujeito) — encontram a fórmula definitiva em duas noções nucleares: a

relação entre passado e futuro, entre indivíduo e coletividade, entre pluralidade e unidade, traduzem-se, afinal, na afirmação de um conjunto de autores que (com uma *vitalidade* interior e uma extraordinária inteligência) *representaram*, é certo, a consciência de uma determinada *totalidade*, mas também a impossibilidade dessa mesma fruição.

Por isso se justifica o texto que se segue: *Dos desconcertos do nada ao triunfalismo da exceção*. Aí será abordada, de um modo geral, o modo como os nossos órficos olharam a crise de valores que marcou os finais do século XIX e os princípios do século XX — procurando fazer sobressair o grau de penetração crítica com que analisaram o contexto cultural nacional, e europeu, marcado pela constante alteração de vivências e referências. Essa reflexão basear-se-á fundamentalmente nos testemunhos dos próprios, todos eles demarcando um cenário cujos contornos provam decisivamente um sentido geral de fragmentação estético e ideológica. Nunca esquecendo a especificidade das suas *práticas* críticas, estéticas e literárias, procuraremos certificar o alcance hermenêutico dessa leitura, confinando o âmbito de pesquisa ao estudo das potencialidades informativas comprometidas com a percepção de si mesmos como sujeitos em busca de uma determinada *plenitude*, em parte (mas não só) conseguida nos discursos do *Orpheu* — revista que, em primeira instância, deixou entrever o *desejo* de uma *totalidade* (por esta noção se colocando em causa o próprio sentido negativo de crise) e, em última instância, validou quer o florescimento de outras revistas literárias, quer a *ousadia* do “artista literário” como “homem de excelência”.

Com essa *ousadia* se inscreveram na história da literatura não só os nossos Futuristas, mas também os nossos Surrealistas. Nesse sentido, no penúltimo texto deste livro — *Órficos, Surrealistas e o “puramente Si-próprio” do Homem Português* —, abordaremos, então, a relação que, em Portugal, uniu uns e outros, pelo que tentaremos apresentar uma visão crítica que incida em posicionamentos iconoclastas comuns, que apontam para a transformação da “consciência coletiva” nacional: a relação entre a coletividade e o indivíduo (assente quer na

atitude de indiferença, quer num posicionamento de confronto aberto); a proclamação de uma “verdade”, construída sobre a espontaneidade poética, a fantasia, o poder renovador do poeta e da poesia; a crítica de teor manifestatário à mercantilização do estético, bem como a conceção triunfalista da “realidade absoluta”, do momento de criação estética e do papel transformador da poesia.

Finalmente, com o décimo, e último texto — *Identidade linguística e “consciência da unidade espiritual”* —, e porque o que aqui se trata é, em primeira e última instâncias, de refletir sobre a *Literatura Portuguesa*, regressaremos às bases teóricas de Mikhail Bakhtine para, relembrando alguns exemplos da literatura portuguesa (e brasileira), desenvolver algumas reflexões que incidem sobre questões essenciais que, de um modo geral, respeitam ao estudo da *identidade* e da *lusofonia*: o princípio da *alteridade absoluta*; o *caráter social e intersubjetivo* da linguagem; o *capital identitário* de uma comunidade linguística; a *consciência da unidade nacional*.

Se com estes humildes contributos conseguirmos que “floreça, se fale, se cante, se ouça e viva a portuguesa língua”, pelo menos por isso o objetivo primordial será cumprido.

Pádua, 2018

Agradecimentos

Em 2017, o reconhecimento que recebi da UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI PADOVA, no âmbito da atividade de Internacionalização da Didática, deixou-me muito honrado. Com esse reconhecimento (enlaçado igualmente pelo gesto de tão bem receber) se aventou, depois, a hipótese da publicação de um livro, em Itália, que concordasse axialmente com um conjunto de seminários e conferências que, desde 2011, fui apresentando como Professor Convidado não só nesta, mas também noutras universidades italianas (em cursos de Literatura Portuguesa e em diversos eventos científicos): UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI NAPOLI “L’ORIENTALE”, UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI TORINO, UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI ROMA TRE e UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI FIRENZE. No percurso académico, e científico, que, então, fui percorrendo, reencontrei Mestres (desde há muitos anos meus horizontes de referência críticos), e descobri, e dialoguei com novas gerações de Professores e Investigadores Italianos de Língua, Literatura e Cultura portuguesas, por quem um forte sentimento de amizade, respeito académico e irmanação universitária se foi clareando. A todos agradeço a forma elevada como sempre me receberam. A todos — que, com os seus Alunos, vão desenvolvendo, no dia-a-dia, semestre a semestre, ano após ano, um trabalho prodigioso (porque intenso, abnegado e maravilhoso) — dedico este livro (dispensando-me, entretanto, de os nomear, sabendo eu que todos se reconhecerão, com toda a certeza minha, neste meu profundo agradecimento). De igual modo, não poderia deixar nunca de dedicar este livro aos Alunos italianos (todos eles, extraordinários) que estudam a Língua, a Literatura e Cultura

Portuguesas, com quem tive o prazer de trabalhar, ensinando e, sempre, aprendendo. A todos, Alunos e Professores (pessoas fabulosas, e tão especiais), que encontrei, e vou encontrando, nestes trajetos pela *Universitas* italiana — onde os sentidos de totalidade se vão configurando no diálogo em tempo suspenso, bem como na reflexão sazoadada, criativa e construtiva —, destino este *Sob o signo de Calíope – Sentidos Modernistas*.

Ao Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e à CompaRes (Associação Internacional de Estudos Ibero Eslavos), que me permitiram a publicação deste livro, o meu imenso Obrigado.

Mikhaïl Bakhtine e o nascimento do sentido

1. Dialogismo e diálogo interior

Numa obra bem conhecida, *Le Marxisme et la Philosophie du Langage*, de 1929, Mikhaïl Bakhtine escreve o seguinte:

Le monde intérieur et la réflexion de chaque individu sont dotés d'un *auditoire social* propre bien établi, dans l'atmosphère duquel se construisent ses déductions intérieures, ses motivations, ses appréciations, etc.¹

As afirmações transcritas merecem, previamente, alguns comentários. Antes de mais, importa contextualizar esta citação: ela faz parte de um livro onde Bakhtine, apesar de se acercar de diversas latitudes epistemológicas (a psicologia cognitiva, a pedagogia das línguas, a comunicação, a estilística, a crítica literária, a semiologia), proclama a necessidade de uma aproximação marxista da linguagem. Nesse sentido, e explorando as relações entre a linguagem e a sociedade, Bakhtine antecipa investigações no âmbito da sociolinguística, procurando, desse modo, responder a questões fundamentais: “Em que medida a linguagem determina a actividade mental?”; “Em que medida a ideologia determina a linguagem?” Para Bakhtine, parece aí indiscutível que, por um lado, todo o signo é ideológico (e a palavra, o signo ideológico por excelência, já que regista as mais pequenas variações das relações sociais) e

¹ M. BAKHTINE e V. N. VOLOSHINOV, «La structure de l'énoncé» [1930], *apud* Tzvetan Todorov, *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique suivi de Écrits du cercle de Bakhtine*, Paris, Éditions du Seuil, 1981, p. 123.

que, por outro, a ideologia é um reflexo das estruturas sociais. Se, para além disso, partirmos deste nível de leitura para outro mais localizado (como a problemática do *diálogo*), poderemos verificar como este quadro conceptual se vai firmando como um espaço ainda mais frutífero: Bakhtine defende que toda a enunciação, fazendo parte de um processo de comunicação ininterrupto, é um elemento de um “diálogo”, no sentido largo desse termo e conceito. O mesmo é dizer, por outras palavras, que a enunciação é, para este teorizador, a unidade de base da língua, quer se trate do “diálogo exterior”, quer do “diálogo interior” (do «monde intérieur», da «réflexion de chaque individu»).

Um pouco mais tarde, em 1930, aparece um texto intitulado “La structure de l’énoncé”. Neste estudo — que constitui uma tentativa do Círculo de Bakhtine para expor, de um modo sistemático, princípios da *Teoria da Linguagem* —, Voloshinov refere-se à bifacialidade do discurso humano (porque todo o enunciado exige a presença de um locutor e de um “auditor”); acaba, assim, por defender a natureza dialógica inerente ao “discurso íntimo”:

[...] les discours les plus intimes sont eux aussi de part en part *dialogiques*: ils sont traversés par les évaluations d’un auditeur virtuel, d’un auditoire potentiel, même si la représentation d’un tel auditoire n’apparaît pas clairement à l’esprit du locuteur.²

Depois, analisando alguns trechos da obra de Gogol, considera que qualquer discurso é um «discours *dialogique*, orienté vers quelqu’un qui soit capable de le comprendre et d’y donner une réponse réelle ou virtuelle»³.

Ora, o significado de todas palavras parece-nos muito pertinente, fundamentalmente porque nelas é possível apreender uma concepção dialógica do “sujeito”, concepção essa que se desenvolve de acordo com a premissa segundo a qual cada

² Ivi, p. 294.

³ Ivi, p. 298.